

Literatura africana infanto-juvenil na escola básica

African children's literature in elementary school

*Maria de Lourdes Fanaia Castrillon**
*Lucy Ferreira Azevedo***

Resumo: no Brasil, a população negra vive, desde a colonização, em situação social desigual. Grupos de resistência, ao longo da história, exigiram mudanças e, como consequência, o governo brasileiro viu-se pressionado a promulgar a lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras. Assim, a literatura brasileira, componente curricular da área Linguagens e seus Códigos, ganha novos autores, contextualizados com os temas negros, o que incitou à pesquisa Literatura Africana Infanto-juvenil na Educação Básica, no ano de 2017, apoiada pela Funadesp, pela compreensão da importância tomada pelos temas agora em foco. A investigação teve o objetivo de conhecer as paixões africanas por meio da leitura de uma poesia e um conto em pesquisa qualitativa, com a base teórica sob orientação da Nova Retórica.

Abstract: in Brazil, the black population has been living in an unequal social situation since colonization. Resistance groups throughout history demanded changes and, as a consequence, the Brazilian government was pressured to enact Law 10.639/03, which established the obligation to teach African and Afro-Brazilian history and culture. Thus, the Brazilian literature, a curricular component of the Language and its Codes area, gains new authors, contextualized with the black themes, which prompted the research African Literature Children and Youth in Basic Education, in the year 2017, supported by Funadesp, by the understanding the importance of the themes now under focus. The research had the objective to know the African passions through the reading of a poetry and a short story in qualitative research, with the theoretical base under the direction of the New Rhetoric.

Palavras-chave: Negro. Lei 10.639/03. Discursividade. Cultura. Literatura africana. Paixões.

Keywords: Black. Law 10.639/03. Discursiveness. Culture. Literature. Passions.

Introdução

Neste momento da pesquisa, sob a égide da Lei nº 10.639/03, a escola brasileira teve que estudar assuntos que punham em discussão a vida, o cotidiano e todas as subjetividades que envolvem a cultura africana e afrodescendente. O pensar dos negros e afrodescendentes brasileiros deveria, fundamentado na história e áreas conexas, ter uma abordagem além dos estereótipos, para que o educando fosse incentivado a um crescimento sadio e a crescer como ser humano e cidadão.

* Docente da Universidade de Cuiabá - Unic-MT e mestre em Educação pela UFMT (2006) - Grande área: Cultura, História e Educação. E-mail: mary_lourdes1996@hotmail.com

** Docente da Universidade de Cuiabá - Unic-MT e doutora em Língua Portuguesa pela PUC/SP (2006) - Grande Área: Letras, Cultura e Educação. E-mail: lucyfazevedo@gmail.com

Nesta perspectiva, a pesquisa Literatura Africana Infanto-juvenil na Escola Básica teve como *locus* a Escola M. Maria Dimpina, no bairro Coxipó da Ponte, em Cuiabá, Mato Grosso, com o universo de 90 alunos, com o auxílio da Funabesp e a participação do aluno de Iniciação Científica Marcelo Martins (aluno da graduação, Jornalismo), investigação realizada no Curso de Mestrado da UNIC-MT, projeto sob número 9300252 da Comissão de Ética, em 2017.

Foi uma ação para desenvolver o tema sobre a literatura africana em suas paixões e, neste viés, pensou-se, como hipótese, que a diversidade sociocultural brasileira entraria em discussão, porque atualmente negros e afrodescendentes frequentadores da escola veem-se debatendo diferentes identidades no livro didático, em eventos e mesmo em sala de aula, ou seja, existe um conviver com a lei nº 10639 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas brasileiras (básica e média).

A pesquisa objetivou, então, estudar as paixões da África em sua Literatura infanto-juvenil, na educação básica – Sala de Apoio e 7^{as} séries, durante 18 meses – como ponto de conhecimento (filtro) da cultura dos negros africanos e, como continuidade, dos afrodescendentes da comunidade escolar, sob a base teórica da Nova Retórica. Trabalho que possibilitou a união entre discursividade negra, literatura e ensino de leitura.

Percebeu-se, na trajetória dos trabalhos junto à comunidade escolar, o debate sobre identidade nacional sempre recuperado e alterado de forma nem sempre justa. Nesses momentos, houve a oportunidade de colher a discursividade dos estudantes sobre os temas, pois, conforme Bhabha (1998), a literatura é o locus da enunciação, podendo, portanto, oportunizar o posicionamento do negro, seja ele o narrador ou leitor – ambos como sujeitos. Como tal, negros e afrodescendentes podem exercer a posição de denunciante do preconceito que tanto fere a dignidade da pessoa, entre outros temas. Assim, sua discussão torna visível o homem e a sua complexidade.

Nas semelhanças e diferenças encontradas na análise de uma linguagem plurissignificativa encontrada nas poesias e conto, a ampliação do repertório cultural do aluno e suas habilidades de interpretação de texto foram incentivadas, além de ampliar a visão do aluno sobre si mesmo e seu próprio relacionamento com o outro que, em Mato Grosso, é significativo, porque a população é predominantemente descendente de negros e índios.

O desenrolar dos trabalhos ficou assim redigido: 1) construindo o diálogo – a metodologia desenvolvida; 2) a Lei nº 10.639/03 e reflexões necessárias: raça, etnia, identidade, miscigenação, cultura, história e paixão; 3) análises desenvolvidas na intersecção paixões africanas e cultura da comunidade escolar.

Incentivando o diálogo – a metodologia desenvolvida

A discussão sobre as questões raciais no Brasil nem sempre teve eco dentro da escola, por isso a pesquisa *Literatura Africana Infanto-juvenil na Educação Básica*[†] teve início com reflexões sobre temas que poderiam ser a base para as discussões sobre as paixões na literatura africana por meio das leituras e entrevistas.

Inicialmente, os espaços consentidos em sala de aula permitiram conversas sobre temas basilares sobre a cultura local, identidades participantes de ações no bairro e na escola, preconceito, o que é ser negro e, logo após, respondidas cinco questões discursivas: o que você entende por paixão? Existe preconceito em sua escola? O que é ser um ser humano bonito ou feio? Como você pode relacionar o conteúdo da obra com a sua vida? Você pensa no seu futuro?

Logo após, começaram os trabalhos com a literatura.

Durante a pesquisa – ação com tratamento qualitativo – os sentidos criados sobre paixões surgiram das leituras de “Ritmo de Pilão” (1951), do autor Antônio Nunes (autor africano) e “Duula, a mulher canibal” (1999), de Rogério Andrade Barbosa, autor brasileiro, porém com vasto conhecimento sobre cultura africana, pois foi ex-voluntário das Nações Unidas na Guiné-Bissau. A metodologia desenvolvida para tanto, na busca das paixões africanas, levou os alunos, tanto da Sala de Apoio quanto das sétimas séries da educação básica (a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, voltada para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental, foi aprovada em dezembro de 2017 e a do Ensino Médio ainda está em discussão).

As discussões comparativas e paralelas da realidade social que apareceram e, no momento em que surgiram, ao longo dos trabalhos, possibilitaram levantar dados sobre a tradição e os costumes da África, dados muitas vezes incompreensíveis para latino-americanos, mas que, uma vez esclarecidos, contribuíram para que o grupo de discentes produzisse novos conceitos sobre o ser negro dentro e fora da escola.

Os discursos foram compondo idiosincrasias sobre história/cultura/cotidiano vivencial dos estudantes que normalmente não estão clarificadas pela comunidade. Por isso provocaram-se discussões sobre cultura, cultura africana, identidade, participação social durante cinco meses, para fundamentar o que aconteceria em seguida – a pesquisa em si.

Quanto aos alunos da Sala de Apoio – sala de frequência flutuante de nove alunos, durante dois meses, o entendimento sobre paixões teve que ser explicado com vocabulário adequado, mais próximo às vivências do cotidiano, devido à imaturidade frente ao texto e, também, principalmente, por se constituírem alunos carentes de um acompanhamento mais próximo. As 7^a séries, em três meses, discutiram o poema e o conto e responderam ao questionário de 5 questões discursivas sobre paixões na obra; e incitados comentários sobre o cotidiano de cada um na comunidade durante dois meses, porque foram utilizadas aulas sem professores no dia, assim como

[†] Esclarece-se que a Educação Básica foi contemplada, porque ela compreende três ciclos: Educação Infantil, seguida pelo Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O **Ensino Fundamental é estruturado em cinco grandes áreas do conhecimento**: Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Ensino Religioso – no caso do artigo, língua portuguesa e literatura entram na área de Linguagens.

substituição, além de “empréstimo” de algum tempo de outras disciplinas, como História, Língua Inglesa e Língua Portuguesa.

E, por fim, analisaram-se as respostas das redações produzidas e percebeu-se que houve uma sincronia bem-sucedida entre a preparação dos temas e as respostas dos questionários.

A base teórica para as análises foi a Nova Retórica e o propósito de pesquisar as paixões está no crédito de que o homem é movido por elas. Essas motivam a vida e são universais. E constituíram-se em forte apelo para o interesse dos alunos, uma vez que a África – um dos fatores fundantes da cultura brasileira - foi a origem das reflexões.

Verificou-se que, por sua importância subjetiva, as paixões constroem uma amálgama de sentimentos que afloram quando observadas. Quanto ao questionário inicial, estes serviram de alicerce para as análises do trabalho com a literatura.

A Lei nº 10.639/03 e reflexões necessárias: raça, etnia, identidade, cultura e paixão

Ficam claros para os educadores, a partir da 10.639, dois entraves para a efetivação de uma situação mais igualitária para as populações de negros e afrodescendentes: o primeiro é o esclarecimento sobre o que consta a lei; o segundo, que ela por si só é frágil, embora existam algumas políticas públicas de apoio.

Inicia-se, com o estudo da história e cultura, o rasgar do véu para uma discussão mais direta e superadora de eufemismos sobre as questões referentes à raça, etnia, identidade, miscigenação e cultura. Temas que são suportes para que o professor aborde a interação do aluno negro no ambiente escolar como sujeito de suas próprias ideias/decisões.

Construção necessária: conceitos de afrodescendente, raça, etnia, identidade, cultura e a paixão sob orientação da nova retórica

O termo afrodescendente utilizado na pesquisa, ao invés de afrobrasileiro, é motivado pelo fato de que afrobrasileiro, após a Proclamação da República, era uma denominação impregnada de teorias racistas, por intelectuais brasileiros que acreditavam na supremacia branca pelo pouco conhecimento que tinham sobre a África, haja vista a obra de Gilberto Freyre Casa Grande e Senzala (1933).

Como diz Freyre (1952, p. 30),

Em lugar da terra, a casa (grande e patriarcal) é o que importa para Freyre. A disposição interna de seus cômodos molda-se a um tipo de família, regime econômico e hierarquia. Ela não é apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria e banco. Muito mais do que isto, abriga um conjunto complexo de relações sociais, integrando raças e culturas distintas, que se ordenam em patamares hierárquicos e diferentes

posições de mando e obediência. A “casa grande” integra e assegura este sistema. Neste caso, a identidade dos brasileiros está vinculada à casa – ao complexo casa grande, e não à terra, como em *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

No entanto, este posicionamento de Euclides da Cunha, segundo Antônio Cândido (2000), em sua obra *Literatura e Sociedade*, o artista produz expressão de uma sociedade. É necessário, segundo Antônio Cândido, estudar um autor sob fatores socioculturais. No caso de *Casa Grande e Senzala*, deve-se entender o pensamento social brasileiro e suas influências no século XIX, ou seja, o jogo do político.

Em contexto diferente, Hall (2005) diz haver na atualidade uma questão provocada pela globalização de mudança do conceito de identidade. E, segundo o autor, é no sujeito pós-moderno que se pode entender a pluralização de identidades, processos de mudança, deslocamentos em traços de uma cultura nacional.

No caso específico da questão da construção da identidade do negro no Brasil, na história, houve o apontamento para a origem dos negros trazidos ao Brasil, traduzindo as características físicas e culturais pelo polo negativo – o nivelar por baixo. Os caracteres físicos foram ligados aos comportamentos das populações assim caracterizadas, o que fortaleceu a ideologia racista, momento em que se ergue o determinismo social por meio da Biologia. (KABENGELE)‡

Hoje, afrodescendente, segundo as direções da pesquisa, é mais adequado e está utilizado pelos legisladores. Conforme a lei que normatiza a inserção do estudo da cultura negra nas escolas brasileiras, em suas Informações Gerais, o termo é empregado conjuntamente ao entendimento sobre raça e etnia.

Raça, segundo considerações sobre a redação da lei e no entendimento de Silva e Soares (2011), apresenta uma fundamentação biológica, em atitude negativa em relação a certos segmentos sociais (negros) e não corresponde a nenhuma realidade natural e sim a uma classificação/construção social. Grupos evidentemente brancos que desenvolveram uma visão etnocêntrica de cultura e, a partir de uma postura preconceituosa, fizeram um trabalho estratégico de fragilização das ditas minorias e, assim, perpetuação do poder, porém, nem sempre sem reações. Foram criados, na linha daqueles que mantinham o poder, estereótipos a partir da cor da pele: negros inferiores e brancos superiores.

Cor, então, foi tida como uma marca de uma categoria racial. A abrangência do termo raça, então, como sendo a espécie humana, atomizou-se em vários segmentos em nível de desigualdade, não somente na questão biológica. Tem também diferentes realidades sociopolíticas e, embora o Brasil seja marcado pela mestiçagem (entendida aqui como biológica), mostra um quadro muito cruel de discriminação. Conforme Kabengeli, uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente,

‡ Relações étnico-raciais. Vídeo aula: <www.youtube.com/watch?v=7FxJOLf6HCA>. Acesso em: 01 jul.2018.

têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

Nesta perspectiva, a pesquisa entende cultura sob a orientação de Geertz (1989): o conceito de cultura é essencialmente semiótico e é uma “teia de significados” que o homem tece ao seu redor e que o prende quando procura entender, apreender os seus significados (sua densidade simbólica). Continua: “[...] ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os homens) podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade.” (GEERTZ, 2008, p. 24).

A cultura é arquitetada, neste prisma, por identidades que se reconhecem, como diz (HALL, 2005, p. 8): “[...] aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.” Neste trabalho, pertencimentos movidos pelas paixões.

Os movimentos passionais, conforme Aristóteles, “[...] são todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários” (2000, p. 5). “As paixões desempenham uma função intelectual, epistêmica; operam como imagens mentais: informam sobre o sujeito e sobre o outro tal como ele age consigo (prazer/sofrimento)” (ARISTÓTELES, 2000, p. 42).

A base da Nova Retórica possibilitou reflexões sobre o homem (*ethos*), dentro do contexto poético, porque investigar uma personagem africana em seu contexto tem total relação com a construção elaborada pelo poeta/autor que argumenta com poesia – torna-se retor – e como ele canta/apregoa (*logos*) para culminar nas paixões (*pathos*). Com a finalidade de persuadir, conforme o sentido desenvolvido por Pascal, em Perelman e Tyteca (2002), a paixão representa / é adesão total do corpo, da imaginação, do sentimento, tudo o que não se relaciona à razão. Então, os versos persuadem pelo belo e pelo afeto. Perelman e Tyteca (2002, p. 57) afirmam: “Na epidíctica, o orador se faz educador”, que produz sentido a partir de um lugar social.”

Diante de objeto tão frágil, as paixões em um poema, recorreremos a Perelmann & Tyteca (1996) sobre o gênero epidíctico também ser argumentativo, uma vez que solicita do auditório a intensidade da adesão e tem como finalidade, depois de Aristóteles, o belo/estético como objeto do discurso, um raciocínio figurativo, essa forma de argumentação que diz por analogia, diferentemente da racionalidade dedutiva e demonstrativa. Foge, portanto do antigo entimema da retórica: *Post hoc, ergo propter hoc*, ou seja, “depois disso, portanto, em razão disso”. Transforma-se em racionalidade figurativa. Por isso faz imperar a supra-realidade, uma “razão em outro universo”. A partir daí, provoca a adesão pela emoção.

Com base nos entendimentos acima, esta pesquisa se propôs a analisar os argumentos que vigoraram no discurso escolar na contemporaneidade concernentes às paixões encontradas em um conto e um poema e em seguida discutidos pela comunidade escolar em respostas nas questões discursivas e em conversas sobre temas em interconexões, porque ao se analisar determinada paixão na literatura,

apreende-se não somente o contexto escolar, mas em todas as instâncias em que o indivíduo está inserido.

Análises desenvolvidas na intersecção paixões africanas e cultura da comunidade escolar

Foi importante dizer aos alunos que um escritor, quando trata de questões polêmicas como o racismo, ele rompe o preconceito, porque o coloca às claras. Um racismo velado pode constituir-se em ação que se retroalimenta no ódio.

Muitos autores nacionais trataram do racismo no momento em que manipularam seu acervo de memória onde habitavam preconceitos (CUTI, 2010). Discutiram o que os afligia não só do ponto de vista social, mas também no campo das representações que fazem do seu corpo e de sua subjetividade.

O ponto nevrálgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca. Quais experiências vividas, que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e da presença psíquica do preconceito (CUTI, 2010).

A literatura de países africanos de língua portuguesa, na poesia, foco em Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné Bissau, pode mostrar que os seus intelectuais faziam em termos de paixões, utilizando a poesia como argumento. Assim, pensou-se sobre o sentir ser negro, ser africano.

Neste percurso, iniciamos com o poema analisado pelos alunos da Escola Mun. Maria Dimpina, 7^{as} séries, em debates orais para que depois os pesquisadores pudessem passar para a expressão escrita.

“Ritmo de pilão”§- Antônio Nunes (Cabo Verde)

Bate, pilão, bate,
que o teu som é o mesmo
desde o tempo dos navios negreiros,
de morgados,
das casas-grandes,
e meninos ouvindo a negra escrava
contando histórias de florestas, de bichos, de encanta-
[das...
Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo

§ Bate Pilão, <www.lirecapvert.org/antonionunes1917-1951.html>. Acesso em: 01 jul.2018

e a casa-grande perdeu-se,
o branco deu aos negros cartas de alforria
mas eles ficaram presos a terra por raízes de suor...
Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
desde o tempo antigo
dos navios negreiros...
(Ai os sonhos perdidos lá longe!
Ai o grito saído do fundo de nos todos
ecoando nos vales e nos montes,
transpondo tudo...
Grito que nos ficou de traços de chicote,
da luta dia a dia,
e que em canções se reflete, tristes...)
Bate, pilão, bate
que o teu som é o mesmo
e em nosso músculo está
nossa vida de hoje
feita de revoltas!

O poema, como é da natureza da língua, têm valor argumentativo; os poemas podem ser vistos na intersecção entre *ethos*, *logos* e *pathos*, num conjunto polifônico em que locutores e enunciadores entrecruzam suas vozes e as fazem aflorar no enunciado para ressaltar suas paixões e suas idiossincrasias identitárias; há, nos poemas, a existência de uma argumentação empírica, fundamentada na experiência observada e vivida através da presença dessa construção caracteristicamente opinativa (porque subjetiva).

Assim, a questão sobre qual paixão estava mais evidente no poema foi percebida: a paixão pela própria terra, teve 73 respostas:” a paixão pela terra e raça deles é valor”. “Paixão pela raça negra”. “Paixão por seu país natal”. “Paixão pela liberdade”. “A paixão é o amor” – foram as respostas mais significativas.

As respostas apresentavam argumentação frágil, devido à pouca idade e base cultural frágil da escola de bairro pobre e periférico. Ficou, portanto, difícil identificar seus valores para a atividade ético-política, mas demonstraram o próprio amor pela terra que sentem em serem mato-grossenses – questão levantada nas conversas iniciais.

Assim, surgiram interpretações que mostraram ter havido interação com o cotidiano de cada um: “Paixão pelo antigamente”. Dezesete respostas que se conectaram com o fato de Mato Grosso ser um estado brasileiro de tradição oral e os espaços de sociabilidade serem os mesmos no bairro de periferia. Os “causos” que ainda são contados, embora eles fossem levados à construção de uma ideia de

passado como momentos mais felizes, exatamente no trecho “[...] e meninos ouvindo a negra escrava/contando histórias de florestas, de bichos, de encantadas...”.

Duas respostas citaram “Paixão pelo som”. Certamente são crianças que têm pilão na família, sabem do som que o instrumento de madeira apresenta. Um aluno respondeu “Ritmo”; outro, “Música e som”, “O bater do pilão”, o que denota também intimidade com a cultura africana. Conforme Bordieu (2004, p. 112),

[...] a procura dos critérios “objetivos” de identidade “regional” ou “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, esses critérios (por exemplo, a língua, o dialeto, o sotaque) são objetos de representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e seus pressupostos, e de representações objetivas, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e de seus portadores.

Os alunos identificaram no poema o som/repique do objeto, porque sua representação mental levou-os à África, embora o tambor ainda seja executado em festas e expressões religiosas de cultos afrodescendentes no Brasil também.

Na questão proposta sobre “Como você pode relacionar o conteúdo da obra com sua vida? As respostas foram surpreendentes:” Vidas invadidas, tomadas à força, opressão”; “Luta do dia a dia que nunca acaba”; “Falta de respeito”; “É que hoje as coisas são desiguais para os negros”; “Os sonhos que não existem”; “O amor por outro guri”- neste caso, o aluno reconhece-se como negro; “É a revolta por causa dos políticos por todo o Brasil”- o discente percebe a amplitude do problema; “Sofrimento no trabalho e na escola” / “Sofrimento pelo preconceito”- surpreendeu a citação da escola como sofrimento e a menção do preconceito”; “Contar histórias de floresta e bichos”- três alunos; “A repetição da história”- o discente também denota ter visão crítica; “O *bulling*, porque só porque a pessoa é negra, começam a zoar com ela” - duas respostas – a argumentação foi desenvolvida, porque o problema é vivenciado cotidianamente, mas não chegaram a argumentar sobre a estranheza da pele/corpo terem a marca socialmente definida da subalternidade, identidade inferior; “As revoltas”; “As paixões”- a aluna mostrou que entendeu bem o significado de Paixão, conversa/teoria anterior à aplicação do questionário pela aplicadora / pesquisadora. Quinze alunos documentaram que o poema em nada se refere as suas vidas, porque são livres. A resposta diz implicitamente que se reconhecem como negros e professam que se sentem livres.

Ao responderem “somos livres”, mostraram uma independência em relação à própria comunidade, o que pode denotar ausência de criticidade uma vez que, entre eles, alguns são afrodescendentes e, segundo suas opiniões, desenvolveram um “*logos*” frágil, sem vontade de falar sobre o assunto. Não houve a interação *ethos*, *logos* e *pathos*. Até mesmo a paixão pela liberdade não teve ênfase.

Duas alunas do Apoio foram surpreendentes com as reflexões: “Os sonhos meus que eu perdi e não sei se estão em minha mente” e “Eu sou negra e muitas

vezes temos nossos direitos acabados e não somos respeitados, porém podemos ser diferentes por fora, mas por dentro, não!” - a primeira demonstra as angústias que ela conserva em si pelo reconhecimento da não possibilidade de ser feliz e ser negra; a segunda mostra saber que o preconceito existe e não respeita realmente o ser humano que está além do estereótipo. As estudantes mostraram que as paixões vividas, os poderes impostos e/ou reivindicados, tudo o que sentiram ao responderem ao questionário não era apenas um momento de fazer a tarefa ou uma brincadeira retórica, mas subalternidades sensíveis e sentidas.

Livro: Duula, a mulher canibal (conto) (1999) - Rogério Andrade Barbosa, autor brasileiro, ex-voluntário das Nações Unidas (Guiné-Bissau)

O conto infanto-juvenil traz a narrativa de uma mulher, Duula, que se perdeu da família no deserto africano quando criança.

Como recurso para sobreviver, passa a caçar e aos poucos vai se tornando uma fera.

Outra família, ao passar pela mesma região, também perde um casal de filhos e as crianças ficam sob o domínio de Duula, mas a fé os levou a reencontrar os parentes.

Duula morre, pois foi tragada pelo mar que, ao mesmo tempo, favoreceu as crianças, abrindo-se para que chegassem até seus familiares.

Depois da leitura do conto, 5 alunos identificaram a “coragem” como a paixão que está no texto *Duula, a mulher canibal*. Dois, no entanto, não entenderam o texto.

Dentre as reflexões mais representativas da percepção do preconceito na comunidade do Coxipó, precisamente na escola, tem-se: “Todo mundo é feio” (no conto); “A Duula é muito feia” – para a personagem principal que foi também vitimada pelo deserto e que aos poucos foi se transformando em monstro. O casal de crianças e seus pais são representações autênticas da família de cultura africana, no bairro interpretadas como “feias”.

Conforme Orlandi (2002), o sentido depende do sujeito que, ao significar, se significa. Sujeito e sentido se constroem no mesmo momento. E, nessa construção, se apresentaram sujeitos frágeis que se sentiam discriminados socialmente. Acharam feias as outras pessoas negras ou a si mesmos. No mesmo momento que não repararam que as ilustrações mostravam africanos lindos, com suas roupas coloridas e seus cabelos bem penteados com tranças e coques. Ficaram surpresos quando o pesquisador (aluno auxiliar da pesquisa do programa de Mestrado) lhes chamou a atenção sobre a beleza das figuras. Sete estudantes não perceberam os detalhes das ilustrações.

As conversas não conseguiram informar para formar estes alunos em relação à identidade, cidadania e direito a partir das trocas de argumentos, da observação do seu próprio cotidiano. Ou seja, estes alunos podem não ter tido empatia com a situação de discutir os temas levantados – o que é foco na Retórica quando diz que o auditório deve reconhecer a autoridade que propõe as reflexões, um *ethos* que se pronuncia, com um *logos* convincente para expor o *pathos* que a todos envolve.

A narrativa passou para o plano de expectativas para as próprias vidas e 3 alunas da Sala de Apoio foram surpreendentes com as reflexões: “Meus sonhos são

os mesmos de minha mãe, porque ela queria ser médica, só que ela não conseguiu e nem sei se vou conseguir também” – o termo “também” é marca textual de que ela já constata que possivelmente a história se repetirá e, surpreendentemente, finalizou sem se lastimar ou revoltar-se. Uma leitura que parece perceber a falta de movimentos de mudanças no seu tempo de vida, pode ser que, por isso, não desenvolveu argumentos.

Sobre o tempo em Aristóteles, a Nova Retórica recupera o pensamento de que o tempo é um aspecto constante do movimento, não existe por si próprio, mas segundo o aspecto do antes e depois, precisando de sucessão de atos para existir. Então, o tempo, no argumento, não contém construções relevantes, movimentos fortes de transformação, que arquitetem um futuro melhor para as suas vidas, diferentemente de sua mãe que não conseguiu ser médica.

O tempo que pareceu ser um aspecto constante do movimento, no pensamento de Aristóteles não existe por si próprio: é relativo aos movimentos. O tempo é definido como “o número do Sobre o final da história com um final feliz para as crianças e morte para Duula, eles gostaram que ela fosse punida”. O que demonstrou atualização em relação ao momento do Brasil. A punição foi bem-vinda.

Em continuidade às respostas: “Todos os negros sofrem no Brasil e na África” – embora tenha citado a África, o aluno pareceu perceber a amplitude do preconceito no mundo, talvez pelas recentes notícias de enfrentamentos entre negros e polícia em alguns países, demonstrando conceito simplificante e generalizante sobre a questão.

Considerações finais

Os dois autores africanos atraíram as atenções e normalmente levaram os leitores a pensar o seu próprio cotidiano. Eles próprios discutiram casos de *bullying* na escola e descreveram o cotidiano das próprias mães, quando explanaram sobre algumas receitas feitas em casa. O Pixé – alimento pilado – teve várias citações, ratificando a hipótese de que eles construiriam uma relação África e Brasil, na percepção da diversidade/identidade sociocultural brasileira.

O cotidiano de cada um teve um reflexo na paixão identificada, entre elas: a terra natal, etnia, liberdade, amor, o passado, histórias orais, o som, a luta pela vida, coragem e justiça. Os estudantes ficaram impactados ao perceberem a palavra “paixão” deslocar-se do eixo “amor descontrolado” – como observou um aluno.

Embora os pesquisadores tenham colhido bons resultados, perceberam, no entanto, que não havia uma política dentro da escola para um trabalho harmonioso entre todos os professores quanto à exigência da Lei nº 10.639/03, embora documentada no Projeto Político Pedagógico da escola – PPP.

Há, no entanto, o esforço de três professores de efetivamente trabalhar sob o enfoque da lei, mas os demais a abordam quando o livro didático oportuniza, quando acontece algum problema na escola ou surge um eco provocado pela mídia na comunidade escolar.

Observa-se, então, diante das entrevistas sobre as obras, que existe uma dor em ser negro. E, em movimento contrário à dor, ao belo, à identificação com a literatura africana, suavizaram os momentos nas salas de aula – nesta perspectiva, por mover o passional pela identificação.

As interações entre os textos literários e o cotidiano de cada um foram visivelmente constatadas, tendo sempre as paixões como elo para os sentidos construídos.

Em suma, talvez falte vontade política para que a Lei nº 10.639/03 saia do PPP, com um plano de capacitação dos professores para um trabalho conjunto de envolvimento com a comunidade escolar.

Referências

- ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, Rogério Andrade. **Duula, a mulher canibal**, São Paulo: Saraiva, 2013.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. port. Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRASIL, Dias, Lucimar Rosa. **Quantos passos já foram dados?** A questão de raça nas leis educacionais - da LDB de 1961 à Lei 10.639 de 2003. In História da Educação do Negro e outras histórias/Organização: Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (Coleção Educação para Todos)
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**, São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000, p. 182.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Formação da família patriarcal brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1961.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz da Silva, Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro; DP & A, 2005.
- MUNANGA, Kanbengele. **Relações étnico-raciais**. Vídeo <aula.www.youtube.com/watch?v=7FxJOLf6HCA>. Acesso em: 05 nov.2018.

NUNES, Antônio. **Literatura capverdiana**: Descoberta de uma cultura ainda desconhecida. <<http://www.lirecapvert.org/antonio-nunes1917-1951.html>>. Acesso em: 01 ago.2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação – a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em: 03/05/2018.

Aprovado em: 27/12/2019.